

Desenvolvimento Comunitário: das Teorias às Práticas

**Turismo, Ambiente e Práticas Educativas
em São Tomé e Príncipe**

ORGANIZADORES

Brígida Rocha Brito (Coord.)

Nuno Alarcão

Joana Marques

Ficha Técnica

Título: Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas
Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe

Organizadores: Brígida Rocha Brito (Coord.); Nuno Alarcão; Joana Marques

Colaboração: Joaquim Pinto; Bastien Loloum; Ana Sofia Alarcão; Fernanda Alvim

Autores: Adelina Pinto, Ana Cristina Palos, Ana Cristina Silva, Antónia Barreto, António Guedes, António Martelo, António Rodrigues, Araceli Serantes Pazos, Arlindo de Carvalho, Bastien Loloum, Brígida Rocha Brito, Bruno Silva, Carlos Vales, Céu Teiga, Cláudia Silva, Conceição Afonso, Danilo Barbero, Drausio Annunciato, Eleutério da Assunção, Eugénia Gonçalo, Eva Vidal, F. Veloso-Gomes, Germán Vargas, Irene Nunes, Isabel Rodrigues, Isaura Carvalho, Ivanete Nardi, Joana Marques, João Martins, Joaquim Ramos Pinto, Jorge de Carvalho, Jorge Bom Jesus, Luís Mário Almeida, Luís Moita, Manuela Cardoso, Márcia Moreno, Marcela Sobral, Mariana Roldão Cruz, Maria Teresa Andresen, Mariana Carvalho, Mário Freitas, Miguel Silveira, Nora Rizzo, Nuno Alarcão, Pablo Meira, Pedro Morais, Pedro Teiga, Rafael Branco, Raquel Lopes, Rogério Roque Amaro, Rosa Madeira, Vítor Reis, Xavier Muñoz y Torrent, Yossene Santiago

Revisão: Equipa do Projecto PTDC/AFR/69094/2006, Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE)

Financiamento e Apoios: FCT, CPLP, Delta

Organização do Seminário: Centro de Estudos Africanos (CEA/ISCTE); Direcção-Geral do Ambiente e Direcção de Turismo da República Democrática de São Tomé e Príncipe; Associação Internacional de Investigadores em Educação Ambiental (NEREA-Investiga)

Outros Apoios no âmbito do Seminário: FCT, Fundação Luso-Americana, Fundação Calouste Gulbenkian, CEIDA, TAP Portugal, BANIF, Câmara Municipal de Lisboa, Culturália

Local: Lisboa

Ano: 2009

1-ª Edição (Janeiro 2009)

Tiragem: 400 exemplares

Capa e Maquetização: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.

Edição: Gerpress, Comunicação Empresarial e Marketing Lda.
Rua Joaquim Casimiro 6, 4.º Dt.º, 1200-696 Lisboa
e-mail: gerpress@sapo.pt

Depósito Legal: 287.969/09

ISBN: 978-989-96094-0-2

Balanço de 15 anos de conservação das Áreas Protegidas através do Turismo. Programa ECOFAC componente de São Tomé e Príncipe¹

Danilo Barbero (Assistente Técnico do Programa ECOFAC)

O Programa ECOFAC, *Écosystèmes Forestiers d'Afrique Centrale*, é uma iniciativa da União Europeia e da África Central que, desde 2002, apoia a conservação relacionada com o sistema florestal da subregião. O Programa inclui um projecto de apoio institucional à Direcção-Geral do Ambiente e a outras Direcções de São Tomé e Príncipe de criação de condições para a gestão do Ambiente e para a preservação da biodiversidade.

Na apresentação serão analisados os objectivos, as áreas de intervenção e as actividades realizadas no sector do turismo ao longo de quinze anos.

O quadro institucional do Projecto é constituído pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, pelo Ministério dos Recursos Naturais, que é o Ministério técnico da tutela, e pelo Programa Geral de Conservação e de Valorização dos Ecossistemas Florestais da África Central, ECOFAC componente de São Tomé e Príncipe. O Fundo Europeu para o Desenvolvimento da União Europeia tem um engajamento de 38 milhões de euros no âmbito dos Acordos de Cotonou entre a União Europeia e os países da África, Caraíbas e Pacífico. O objectivo geral é a redução da pobreza, incluindo a componente ambiental do desenvolvimento e a gestão durável do Ambiente conforme as directrizes internacionais.

Ao nível dos Estados da África Central, a Comissão dos Ministros das Florestas dos Estados da África Central preparou um Plano de Convergência para melhorar a gestão e a conservação das florestas da subregião através da boa governação e do combate contra a exploração ilícita. Contudo, existem vários problemas para se poder realizar estes objectivos num prazo razoável.

A ECOFAC é uma acção da *Commission des Forêts d'Afrique Centrale* (COMIFAC), que é a Comissão da subregião, e São Tomé é membro desde 2005. Quando integrou a ECOFAC, já faziam parte sete países com muitos problemas de guerrilha, e que são importantes sobretudo quando se fala em turismo, apesar de haver turistas do tipo de quererem ver o que se passa onde há guerra. Mas, em São Tomé e Príncipe, sente-se paz e segurança.

¹ Texto transcrito a partir de gravação da comunicação oral apresentada no Seminário Internacional no dia 25 de Julho de 2008 na Mesa Redonda "O Impacto do Ecoturismo nas Comunidades Locais", Palácio dos Congressos, São Tomé.

O objectivo geral em São Tomé e Príncipe é a preservação e a conservação da biodiversidade, sendo o objectivo específico contribuir para o equilíbrio dos ecossistemas através da melhor gestão das pressões sobre os recursos naturais. Para o cumprimento destes objectivos a ECOFAC tem quatro vertentes: gerir de forma sustentável os Parques e as áreas periféricas; viabilizar um quadro de concertação para integrar a conservação do Ambiente no processo de desenvolvimento; planificar as acções de desenvolvimento rural apartadas ao contexto local e baseadas na valorização dos Parques; implementar o sistema de seguimento e monitorização dos Parques em colaboração com a Rede das Áreas Protegidas da África Central (RAPAC), que é uma Rede composta por 82 Áreas Protegidas da subregião, entre as quais 33 são Áreas Protegidas piloto, incluindo as duas de São Tomé e Príncipe.

Nesta fase, o Projecto arranco há um ano e estamos a desenvolver trabalho de apoio à constituição da estrutura para a gestão dos Parques de São Tomé e Príncipe. Paralelamente, estamos a preparar os planos de ordenamento e de gestão. Neste âmbito estamos, nesta altura, a organizar uma missão de consultores internacionais que nos ajudará a reflectir sobre a constituição do quadro de concertação ambiental que está em curso, embora com um pequeno atraso. Esta é uma prioridade. Estamos também a iniciar os contactos com as comunidades locais para implementar acções de desenvolvimento. Por fim, estamos no caminho de definir um sistema para a monitorização dos Parques utilizando metodologia adequada.

Em termos de zonas de intervenção, em São Tomé, temos três zonas principais: uma zona problemática ao norte, em que o problema é justamente o turismo; o Parque Natural Obô de São Tomé; a zona de mangal em Malanza. Estas áreas são importantes porque ocupam 35% do território do País. No Príncipe é ainda mais significativo porque ocupam 59% da ilha. Em São Tomé e Príncipe, no sector do turismo fez-se muita coisa sobretudo na promoção do ecoturismo. Começou a falar-se em desenvolvimento do turismo como actividade autónoma e sustentável em 2000 mas depois, por várias razões, acabou por se proceder à suspensão de toda a estratégia. Nesta altura, a opção foi reorientar a actividade da ECOFAC como um Projecto vocacionado para o apoio institucional à Direcção-Geral do Ambiente. Neste contexto, o turismo poderá ser feito mas dependendo da Direcção de Turismo porque a ECOFAC deixou de interferir directamente na promoção e na actividade como aconteceu anteriormente.

As actividades realizadas ao longo dos 15 anos foram: a construção da sede no Bom Sucesso para a recepção dos turistas que permite receber cerca de 1000 turistas por ano. Este número não é suficiente para a sustentabilidade do Parque, o que implica calcular o número de turistas necessário. Nesta perspectiva, cerca de 8000 turistas significa um aumento de 800% e estas são contas que devem dar muito que pensar. Mas de todas as

formas estamos conscientes de que o Parque tem condições para poder viver. Por outro lado, a realização de circuitos ecoturísticos vários, sendo o percurso de Lagoa Amélia o mais significativo para quem visita São Tomé que, para o turista que visita o arquipélago, equivale à *Tour Eiffel* em Paris; a organização do Jardim Botânico e o acompanhamento de visitas; a construção do Acampamento da Praia Jalé; a formação de guias ecoturísticos; a realização de estudos por consultores.

O balanço de 15 anos de promoção do turismo é parcial porque faltam alguns dos aspectos que seria importante contemplar. Houve coisas que correram bem, como são os exemplos da: a visita ao Bom Sucesso e ao Parque de São Tomé por cerca de 1000 turistas por ano; a criação de infraestruturas de recepção na Praia Jalé; a formação de dezenas de pessoas como guias turísticos para acompanhar circuitos ecoturísticos; a produção de publicações e livros; a promoção de destinos; a realização e acompanhamento de estudos sobre vários domínios, o que é muito importante porque é uma informação que estamos a tentar capitalizar. Mas, por outro lado, houve coisas que não correram bem e que também devem ser referidas numa análise que se quer que seja crítica. Assim, pode referir-se a: falta de rentabilidade económica com benefício efectivo para as populações; fraca capacidade de participação e de organização evidenciadas pelas populações; fraca responsabilização e motivação na promoção do turismo. É preciso envolver várias componentes, internacionais e nacionais, o que por vezes é complicado. Mas em São Tomé e Príncipe há outras cooperações, além da ECOFAC, para fazer isso e a União Europeia defende o princípio da complementaridade de políticas de cooperação. Neste sentido, o Projecto ECOFAC está sempre disponível para trabalhar em complementaridade.

É necessário ter uma abordagem realista para o turismo, o que é por vezes uma das coisas mais difíceis porque o Homem está sempre com a mente obscurecida pelo pensamento, pelo sonho e pela utopia. Sempre foi assim. O Homem vê as coisas como quer ver e não como são. A realidade é uma coisa muito difícil para se encarar, talvez não a queiramos ver porque talvez a realidade não seja sempre boa. As pessoas costumam ver com optimismo, por vezes estão na pobreza total mas pensam sempre que vão melhorar. E é preciso ver que a realidade não é boa. Por isso há que entender que olhar para a realidade leva-nos muitas vezes ao sofrimento. É muito difícil ver as coisas como são porque levam a frustrações e é através dos momentos difíceis que se pode progredir. Então, o Projecto tem de enquadrar as necessidades da realidade e não projectar ideias políticas sobre as populações, o País e as Instituições. Então, quais são as potencialidades no sector do turismo? É preciso analisar os serviços como se fosse um exame de anatomia: abrir o corpo, tirar para fora e ver tudo o que há. Ver quais são os serviços e qual o valor que têm esses serviços. Muitas vezes não se sabe. Podemos criar a procura e comparar os preços com outros tipos

de desenvolvimento turístico mas é muito difícil: as infraestruturas de São Tomé e Príncipe; a situação da estabilidade porque o turismo precisa de paz.

A primeira coisa que um turista pergunta é sobre o paludismo. Essas coisas são reais. A atracção dos investidores e o processo de licenciamento, a avaliação do impacto ambiental, o controle, a fiscalização e a boa governação. O que se passa com o controle de branqueamento de dinheiro e da corrupção porque o sector do turismo é um dos primeiros a sofrer a influência destes processos. É o sector típico para branquear capitais ilícitos. A capacidade para controlar o financiamento do País. Há uns tempos chegou uma rapariga de Cabo Verde a dizer que tinha 2 biliões de euros para um investimento no sector do turismo. Este é o valor do orçamento do Gabão que é um país produtor de petróleo. Esta rapariga é de Cabo Verde e tem 2 biliões de euros para fazer um investimento. E já se sabe que provavelmente estes biliões de euros não existem na realidade e são só uma coisa para abrir portas ou tirar ilusões. Há muitos constrangimentos, isolamento no que respeita aos transportes já que todas as companhias que ligam África a São Tomé e Príncipe estão na lista negra da União Europeia. Torna-se difícil dizer a um turista que ele tem de sair para o Gabão num avião que está na lista negra. Há o problema das alterações climáticas, que não é só de São Tomé. Turismo balnear não é fácil porque as praias são pequenas e limitadas, a areia é pouca, e o turismo de massas não é priorizado.

A situação internacional com a crise económica que é inacreditável. Os destinos mais conhecidos estão a baixar o custo para continuar a atrair um mínimo de turistas mas isso faz com que o benefício seja muito baixo. Para além disto, a crise no sector da aviação e o custo das viagens. Todos estes são factores que contribuem muito para o desenvolvimento do sector do turismo. Se queremos ter uma abordagem realista, temos de aumentar as potencialidades, minimizar os constrangimentos e ainda ver quais são as motivações dos actores. O que é que os operadores e promotores querem? Ajudar os pobres? Não creio. Querem é ganhar dinheiro e ganhar dinheiro é algo que se faz sempre de forma um pouco egoísta. Então, o sector ambiental e social do turismo não vai ser considerado. Mesmo nos países que têm muito turismo, o social é feio. O turismo pode dar emprego e isso não é pouco mas o impacto negativo é terrível.

O social, o económico e o ambiental são três factores e se queremos ser realistas temos de dizer que o turismo tem servido mais do que tudo para ganhar dinheiro. Então, cada um tem de pensar: para quê desenvolver o turismo? para que é que o turista faz turismo? qual é a sua motivação? As motivações são o que empurra o Homem para a acção. Se a motivação for boa, a acção vai ser boa. Se a motivação não for boa, a acção também não vai ser boa, mas tenta-se mascarar essa acção. O económico é o que domina e não é mais do que uma componente do desenvolvimento sustentável.